



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Autonomia criativa no ensino de projeto: por mais inovação e originalidade na prática profissional

*Creative autonomy in the project teaching:
for more innovation and originality in professional practice*

*Autonomía creativa en la enseñanza de proyecto:
para más innovación y originalidad en la práctica profesional*

SILVA, Cassia Rodrigues da.

*Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense - UFF,
cassiarodriguess@gmail.com*

BRANDÃO, Gabriela Gazola.

*Mestranda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense - UFF,
gabibrandao@ymail.com*

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão acerca do ensino superior de Arquitetura e Urbanismo, de seus motivos estruturadores e da prática docente na área, a partir das atribuições dos arquitetos e dos urbanistas. Por meio da análise da argumentação de alguns autores, pretende-se esboçar um possível caminho para a compreensão de indagações relativas à criatividade, à inovação e à originalidade no ensino de projeto arquitetônico e urbanístico. A discussão pauta-se na distinção entre ensino e educação, com destaque para a formação do ser humano e não somente de seu atributo profissional. Desse modo, a autonomia aparece como conceito importante a ser considerado e discutido ao tratar da formação de pessoas críticas, criativas e questionadoras, que, como consequência, poderão tornar-se profissionais coerentes e inovadores. Este trabalho discute, ainda, o ensino de projeto, as ferramentas que utiliza e as possibilidades para incrementá-las fomentando a criatividade e a autonomia, aqui entendidas como fundamentais em uma prática baseada em diretrizes de naturezas tão diversas. Consideramos que promover a relação do mundo vivido e das experiências pessoais com o conteúdo estudado é essencial para o surgimento de novas soluções e abordagens, pois fomenta a formação crítica e a autonomia criativa.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; projeto; criatividade; autonomia; arquitetura e urbanismo.

ABSTRACT

This paper presents a reflection about Architecture and Urbanism teaching, its structuring reasons and the academician practice, from architects and urbanists attributions. By means of the analysis of the argumentation of some authors, this work intends to sketch a possible path for the comprehension of investigations related to creativity, innovation and originality on teaching of architectural and urbanistic project. The discussion is based on the distinction between teaching and education, with emphasis on the human being formation and not only his professional attributions. Therefore, autonomy appears like one important concept to be consider and discussed because of its approach about the formation of critical, creative and argumentative people, that, in



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

consequence, should become coherent and innovative professionals. Furthermore, this paper discusses the teaching of projects, the tools that are used and the possibilities to increment fostering the creativity and the autonomy, which are assumed here as fundamental in a practice based on guidelines with so diverse a nature. We consider that promoting the relation of the lived world and the personal experiences with the studied content is essential to the emergence of new solutions and approaches, because fosters the critical formation and the creative autonomy.

KEY-WORDS: *teaching; project; creativity; autonomy; architecture and urbanism.*

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre la educación superior de Arquitectura y Urbanismo, sus razones de estructuración y de la práctica docente en el área, desde las asignaciones de los arquitectos y urbanistas. Mediante el análisis de los argumentos de algunos autores, se pretende esbozar una posible manera de entender las cuestiones relacionadas con la creatividad, la innovación y la originalidad en la enseñanza del proyecto arquitectónico y urbano. La discusión se guía en la distinción entre la enseñanza y la educación, especialmente para la formación del ser humano y no sólo su atributo profesional. Por lo tanto, la autonomía aparece como un concepto importante a tener en cuenta y discutido cuando se trata de la formación de personas críticas, creativas y que cuestionan, que, en consecuencia, pueden llegar a ser profesionales coherentes e innovadores. Este documento analiza también la enseñanza del proyecto, las herramientas que utiliza y las posibilidades de mejorar los promoviendo la creatividad y autonomía, aquí entendida como fundamental en una práctica basada en directrices tan diversas. Creemos que la promoción de la relación entre el mundo vivido y de experiencias personales con el contenido del estudio es esencial para el surgimiento de nuevas soluciones y enfoques, ya que fomenta la formación crítica y la autonomía creativa.

PALABRAS-CLAVE: *la enseñanza; proyecto; la creatividad; autonomía; arquitectura y urbanismo.*

1 INTRODUÇÃO

A partir das atribuições dos arquitetos e dos urbanistas, a reflexão sobre o ensino superior de Arquitetura e Urbanismo nos instiga a ponderar acerca de seus motivos estruturadores e da prática docente na área. De que se constitui o fazer arquitetônico e urbanístico? Quais suas principais matérias-primas? Este fazer pode ser ensinado? Como ele é ensinado e aprendido? Qual o papel da criatividade neste processo? Qual o papel do docente na formação de arquitetos e urbanistas?

As respostas às questões acima colocadas não serão apresentadas de modo conclusivo neste trabalho. Pretende-se aqui esboçar um possível caminho para a compreensão destas e de outras indagações relativas à criatividade, à inovação e à originalidade no ensino de projeto arquitetônico e urbanístico.

A experiência humana do espaço – que é a essência do fazer arquitetônico e urbanístico – permite afinidade com o fenômeno como ele de fato é, e não como ideia. A criatividade é um meio de aproximar o plano ideal do real, possibilitando a manifestação do ser humano e de respostas



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

mediante as demandas. É por meio da prática, da habilidade e do conhecimento do fenômeno que as soluções criativas afloram.

E é a partir da educação que acreditamos ser possível incitar a criatividade e aprender arquitetura. Educar, como dissertaremos mais à frente, pressupõe a formação do ser humano, com respeito, incentivo e espaço para o desenvolvimento pessoal, a autonomia e a liberdade. A partir desta abordagem, trataremos da educação no contexto da Arquitetura e do Urbanismo, enfatizando o ensino de projeto.

2 A MATÉRIA-PRIMA DO ARQUITETO E URBANISTA E O PAPEL DA CRIATIVIDADE

O arquiteto e o urbanista têm como matéria-prima essencial a experiência do ser humano no espaço. Acreditamos em uma arquitetura e em um urbanismo que buscam pelo entendimento *in loco*, pela apreensão das experiências e anseios humanos com/no espaço, pelo desvelar dos motivos que promovem conexões intrínsecas e viscerais das pessoas com os lugares. Entendimento e apreensão que balizarão a criação e o desenvolvimento de projetos arquitetônicos e urbanísticos. Verifica-se, assim, a importância de o arquiteto e o urbanista realizarem uma aproximação real e efetiva com o fenômeno a ser trabalhado – e não com conceitos abstratos que funcionam no plano do ideal mas nem sempre na realidade daquele fenômeno. A esse respeito, Jane Jacobs apontou que a crise do planejamento urbano das cidades norte-americanas de meados do século XX deveu-se ao fato de os profissionais do planejamento entenderem e lidarem com o fenômeno da cidade não como ele realmente é, mas como estes profissionais gostariam que fosse (SEAMON, 2012).

A criatividade é uma das ferramentas que podem ser utilizadas para abolir a distância entre o plano ideal e o que de fato funciona no desenrolar do fenômeno. Entendida como a “habilidade de conectar diferentes saberes, gerando associações que permitem o surgimento de ideias e produtos que se adequam à situação/contexto experienciados”ⁱ, a criatividade, portanto, é fundamental para a concepção e o desenvolvimento de projetos na arquitetura e no urbanismo. Segundo Carsalade (1997), a criatividade fundamenta a solução para questões pessoais permitindo a expressão de cada indivíduo, e então pode ser considerada “um atributo do ser humano” (CARSALADE, 1997, p.72). É a experiência do fenômeno que possibilita o surgimento de soluções criativas para determinada situação, exatamente o que é desejável para um profissional da área em questão.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

3 PARTICULARIDADES DA CRIATIVIDADE

O pensamento criativo e o processo de criação estão condicionados a particularidades do indivíduo,

“como por exemplo, receptividade (atitude com relação especialmente à própria intuição), imersão (no assunto em questão), dedicação e desprendimento (depende da motivação e pressupõe ao mesmo tempo o aprofundamento e a não fixação num único aspecto ou enfoque para permitir o fluxo da imaginação), imaginação e julgamento (a paixão mobiliza a imaginação, que tem a capacidade de produzir ideias, deve ser conciliada com o decoro - julgamento que as comunica), interrogação (formulação de questões acerca inclusive do que já é conhecido); uso de erros (aceitando-os como razão para modificação de uma abordagem), e submissão à obra de criação (momento em que o produto criado ganha vida própria e apresenta suas próprias necessidades) (KNELLER apud KOWALTOWSKI et al. 2007, p.282).

A criatividade depende, ainda, do repertório – “conjunto de fatos e princípios organizados, pertencentes a algum domínio” – e do conhecimento sistemático – “aplicado para gerar soluções aos problemas novos, ou seja, as heurísticas, regras e operações aplicadas na geração de soluções aos problemas” (KOWALTOWSKI et al. 2007, p.282). Para Carsalade (1997, p.192), “A criatividade é o resultado de novas visões, novos sentidos, na realidade recombinação de seres e coisas.”

Em termos gerais, a criatividade relaciona-se a três aspectos fundamentais: originalidade, novidade e utilidade.

Por considerar, consoante com Carsalade (1997), que cada sujeito encara o mundo de maneira individual, então “cada pessoa é absolutamente original” (CARSALADE, 1997, p.72). A originalidade está relacionada à identidade, cada ser humano possui a sua. Porém, é no reconhecimento da diversidade – a “grande riqueza humana” (CARSALADE, 1997, p.73) – que novos esclarecimentos são encontrados, interpretados a partir da unicidade de cada um e, assim, considerados originais.

O mesmo autor chama atenção para a distinção entre originalidade e novidade, esclarecendo que esta última se trata de solução nunca vista, enquanto que a primeira se refere “[...] à fonte de cada solução, ligada à maneira extremamente particular e – aí sim, original – ao filtro pessoal com o qual cada um vê o mundo, o reelabora e o expressa” (CARSALADE, 1997, p.166). Com frequência estes dois termos são confundidos. A novidade também é fruto da criatividade, entretanto, não é condição para sua expressão. Como bem pontua Carsalade (1997, p.166), “Se cada projeto tivesse a obrigação de ser uma solução original nestes termos [da novidade], nada se faria ou a arquitetura seria tarefa apenas dos gênios.” O mesmo autor conclui que “A novidade não está, portanto, na genialidade da invenção de novas formas, mas na possibilidade latente em todo ser humano de estabelecer novos encontros e diálogos” (CARSALADE, 1997, p.192).



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

A utilidade, no senso comum, é com frequência associada a uma função material e objetiva. Nesse contexto, a originalidade e a novidade necessitam da utilidade para que a solução possua caráter criativo, configura-se então, que a ideia/solução possua uma aplicação prática, já que “de nada valeria produzir uma ideia inovadora sem que esta possuísse uma utilidade prática” (DELL’ISOLA apud CAMARGO, 2014, p.3). Entretanto, a utilidade de algo pode ser de caráter essencialmente subjetivo e imaterial, como é o caso das obras de arte, cuja utilidade, em geral, é a fruição estética, a beleza, o despertar da emoção e da sensibilidade. Neste caso, pode-se argumentar que a arte possui utilidade social, por exemplo, uma vez que incita reflexões e propõe novos olhares e novas apropriações de espaços e situações. Isso pode ocorrer, com ou sem a intenção do artista, porém, acontece como uma consequência ou desdobramento da utilidade primeira, que não é, absolutamente, objetiva ou material.

Barreto (2007) refere-se a Mitjans Martínez (1997 e 2003) para afirmar que o educador criativo é capaz de transmitir e extrair de seus educandos vivências emocionais positivas em relação à disciplina que ministra, ao processo de aprendizagem e às realizações produtivas. Ensinar a pensar criativamente, portanto, torna-se mais efetivo quando são envolvidas as funções cognitiva e emocional, pois estas criam novas motivações e oportunidades para o envolvimento entre educadores e educandos. (TORRANCE, 1987 apud OLIVEIRA, 2010).

Read (apud CARSALADE, 1997) ressalta que é a educação que permite, aos indivíduos, a descoberta natural de sua identidade e das formas de interação, através da liberdade. Nesse sentido, a educação, igualmente como pensa Carsalade (1997), extrapola a transferência de conhecimentos e está atrelada à criatividade, como também à capacidade humana de solucionar problemas e produzir atos e artefatos (BARRETO, 2007).

4 EDUCAÇÃO, LIBERDADE E AUTONOMIA

“[...] criatividade é a capacidade que possui um ser humano de favorecer a brevidade da solução de certos problemas, bem como de produzir atos tão ricos quanto úteis; tão belos quanto valiosos e tão significativos quanto apropriados, em função das necessárias e racionalmente justificáveis transformações, tanto individuais quanto sociais, do gênero humano, especialmente, através da educação.” (BARRETO, 2007, p.5)

A educação facilita a compreensão da arquitetura e do urbanismo. Educar pressupõe formar o indivíduo, o ser integralmente. Pressupõe respeito e cuidado com a relação educador-educando. Pressupõe transformação. Pressupõe encorajar manifestações próprias e particulares. Pressupõe o desejo de contribuir para o crescimento pessoal e a autonomia do educando.

A autonomia do sujeito no ensino acontece, de acordo com Freire (1996), com a criação das possibilidades para a produção e a construção do conhecimento pelo próprio educando, ao questionar, ao fazer conexões com suas experiências vividas, ao aplicar criativamente o que foi ouvido. É por meio de um ambiente fundamentado na liberdade que a autonomia e a criatividade evidenciam-se, permitindo aos indivíduos condições propícias para o auto-conhecimento.

Baseado em Freire (1996), autonomia e amadurecimento caminham juntos e não acontecem repentinamente, são processos diários. A autonomia apoia-se na experiência de decisões, então, favorecer práticas ancoradas no respeito à liberdade e encorajadoras da decisão e da responsabilidade auxilia no seu desenvolvimento, assim como no amadurecimento do indivíduo.

Segundo Freire (1996) educar é a criação de possibilidades para produção e/ou construção de conhecimento, de modo que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (p.12). É também aproximar teoria e prática, adequar os conteúdos à vida dos discentes, proporcionar o pensamento crítico e incentivar a autonomia (FREIRE apud ELALI, 2005).

Sobre esse processo didático que resulta a interação professor e aluno, a autonomia e a formação do caráter do indivíduo, Ferraro e Baibich-Faria (2009) ressaltam que

“A reflexão crítica sobre os conteúdos, a prática como processo ativo da reflexão-na-ação e a realidade como objeto do conhecimento possibilitam configurar o processo didático como uma ação interativa entre o professor e o aluno, permitindo que este ‘aprenda a aprender’ (MARTINS, 2006, p 98), mobilizando suas próprias capacidades cognitivas e afetivas para compreender, controlar e decidir sua aprendizagem, situando-o como sujeito histórico. Isto não significa abrandar a responsabilidade dos deveres do professor, mas, pelo contrário, convidar-lhe a assumir seu papel de formador na situação de permanente enfrentamento dos conflitos, contradições e situações inusitadas (...)” (FERRARO e BAIBICH-FARIA, 2009, não paginado).

Fundamental para educar é fomentar a liberdade do indivíduo, e em consequência, favorecer a criação de sua identidade, associada ao contexto no qual está imerso (CARSALADE, 1997). Então o discente consegue conceber significados próprios para “signos de apreensão coletiva” (CARSALADE, 1997, p.18). Portanto, confirmando a originalidade, o aprendizado, a autonomia e a criatividade.

Nessa iniciativa, o docente é peça-chave e deve ultrapassar o conteúdo básico a ser ensinado, estimulando o pensamento crítico, a criatividade, a liberdade e a autonomia, promovendo, assim, as competências dos discentes e a soma de outros valores formativos ao ato de ensinar. É crucial que o educador incentive a compreensão das realidades individuais, respeitando sempre as particularidades e pensamentos de cada indivíduo, encarando o educando como sujeito da educação. Tais atos, porém, não reduzem a responsabilidade do professor, ao contrário, sugerem que ele admita suas atribuições de orientador, encarando oposições e divergências.

Dessa maneira, é necessário ao professor a sensibilidade para perceber demandas íntimas e/ou específicas; a flexibilidade para sugerir direções diversas; a habilidade de predispor o ambiente para que a atividade mental dos discentes aconteça; a capacidade de doar-se ao processo; a confiança (CARSALADE, 1997); e o “respeito à autonomia e à dignidade de cada um” (FREIRE, 1996, p.35).

Segundo Carsalade (2002), ensinar não corresponde apenas a informar, repassar o que se sabe e adestrar; vai além, envolve a memória individual e coletiva, é a criação de um patrimônio pessoal e a formação do indivíduo.

Um ensino alienante não é uma educação. A alienação do educando acontece ao compartimentar a realidade: a realidade do educando, e a do ensino, do conhecimento transferido. Não fomentar relações entre essas “duas realidades” – que são uma só – descola do mundo vivido do educando toda informação e conhecimento apreendidos.

Profissionais melhores não são técnicos melhores, são pessoas melhores. Pensemos no contexto da Arquitetura e do Urbanismo. Arquitetos e urbanistas mais capazes para pensar e executar intervenções inteligentes e justas no espaço físico – com impactos no espaço social – são aqueles capazes de pensar crítica e criativamente, e não aqueles capazes de reproduzir acriticamente e fielmente soluções a eles transferidas. Exercendo a função de arquitetos e urbanistas, lidamos com a natureza, com pessoas, com relações sociais que se materializam no espaço e que por sua estruturação são influenciadas.

Entretanto, não passa de um treinamento para o desempenho de destrezas, o que fica muito aquém do que de fato é formar e educar. De acordo com Freire (1996, p.19), “Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar”.

5 PARA ENSINAR E PARA PROJETAR: CRIATIVIDADE, INOVAÇÃO E ORIGINALIDADE

A criação de projeto é um processo complexo, visto que está atrelado a diretrizes de naturezas diversas. Isto é, considera variáveis de caráter técnico, legislativo, monetário, estético, funcional, ambiental, de adequação ao entorno, dentre outras, que são associadas ao programa de necessidades e às demandas de desejos dos clientes – estas, carregadas de valores, sonhos e afetividades provenientes de uma história de vida diversa da história de vida do profissional que desenvolverá o projeto. Como responder de modo satisfatório a tal conjunto de diretrizes? Entram em cena a formação técnica do profissional, sua experiência e história de vida, suas referências

pessoais e profissionais, que, juntas, visam equacionar a questão específica valendo-se da criatividade. É um processo de decisões, no qual o pensamento criativo representa uma forma de solução de problemas. Como ensinar um processo como este?

Para Kowaltowski et al. (2006, p.9), “[...] a complexidade do processo de projeto pode ser suportada mediante a utilização de métodos de controle e planejamento do processo cognitivo.” Tal controle e planejamento podem ser ensinados, assim como as técnicas, entretanto, a matéria-prima do projeto – a experiência humana no espaço – e a criatividade necessitam ser experienciadas e desenvolvidas individualmente. Por “tratar-se de um processo, em grande medida, heurístico, e baseado em conhecimento, experiência e intuição” (KOWALTOWSKI et al. 2007, p.286), faz-se indispensável a adoção de práticas de ensino de projeto que orientem a um processo mais claro e coerente, no qual o discente se sinta autônomo e à vontade para que sua criatividade aflore. A conquista da autonomia na formação de Arquitetura e Urbanismo condiz com o gradativo amadurecimento do estudante. O docente deve desempenhar papel de incentivador e criar um ambiente propício.

Uma forma de interferência no aprendizado e no desenvolvimento da criatividade que muitas vezes não é levada em conta é a maneira como a sala de aula estará organizada. Essa organização influenciará diretamente nas relações e estímulos tanto de docente com alunos, como entre os próprios alunos. Em uma sala de aula convencional geralmente o incentivo à criatividade é menos intenso do que aquele proporcionado pelas interações que ocorrem no ateliê, por exemplo. No ateliê, com as pranchetas aproximadas, a formação de grupos possibilita grandes trocas de informações e conteúdo, percepção de outras soluções para o mesmo problema e a visão do outro sobre uma produção individual. Essa simples tomada de decisão torna o ato de aprender mais consistente, incitando a criatividade entre os discentes por meio de dinâmicas e interações.

Miranda (2011) destaca a importância da análise de projeto no desenvolvimento do ato de projetar. A autora argumenta que essa análise conjuga as bases teórica e prática que são adquiridas durante o curso de Arquitetura e Urbanismo, contribuindo com – e não substituindo – o discurso crítico e histórico das disciplinas teóricas. Essa conduta auxilia na experiência de soluções arquitetônicas, na conquista de repertório e na maturidade para a crítica, estimulando a criatividade.

Tuan (1983) relata que a circunstância básica para a compreensão da complexidade do ambiente é a imersão, através da experiência humana e da vivência direta. Ao associar à análise de projeto a visualização e a experimentação do ambiente, possibilita-se maior consistência dos aspectos ressaltados acima. Por isso, aulas externas, viagens e visitas (à arquitetura cotidiana e a marcos

arquitetônicos) proporcionam experiências ricas no sentido de viver o lugar e não somente desenhá-lo ou imaginá-lo. O discente, então, pode posicionar-se mais firmemente em relação às soluções discutidas e ao que pretende considerar como repertório próprio.

Aulas em laboratórios também despertam a criatividade e motivam o aprendizado. O envolvimento mental e físico do estudante com o fenômeno estudado, proporciona o entendimento da teoria, a sedimentação do ensino e a experiência no evento, além de possibilitar o aparecimento de soluções inovadoras.

Os debates – em sala ou externos, em seminários, em congresso ou em palestras – também diversificam o repertório individual, impulsionam o ensino e aumentam a experiência no assunto. Conhecer opiniões, técnicas, teorias e soluções diferentes é de extrema importância para a análise crítica do indivíduo, assim como para o surgimento de algo inédito e para o estímulo da criatividade.

Elali (2005) indica que muitas dessas alternativas propostas acima são indicadas pelas diretrizes curriculares (MEC apud ELALI, 2005) e inclusive estão presentes em diversos currículos de cursos na área. Todavia, a autora argumenta que os estudantes revelam que as propostas e intenções frequentemente não são claras na prática, dificultando sua execução e seu resultado.

À vista disso, faz-se fundamental promover a relação do “mundo real” com o conteúdo estudado, gerando novas abordagens. As possibilidades que favorecem a autonomia e a liberdade do indivíduo são as que aguçarão a criatividade e o espírito crítico, arrojando o aprendizado. Assim, a promoção de debates sobre diversos autores/arquitetos/urbanistas, a utilização de laboratórios, a programação de visitas de campo, viagens e apresentação de filmes, as análises de projetos, a organização da sala de aula, o posicionamento do docente, dentre outras ações, podem e é desejável que sejam consideradas para o ensino de Arquitetura e Urbanismo, e para a formação de profissionais criativos e críticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em uma prática pautada por diretrizes de naturezas diversas, são fundamentais a autonomia e a criatividade para bem relacioná-las e prover soluções originais e adequadas. Assim acontece na área de Arquitetura e Urbanismo, em que o ensino de projeto – processo complexo de decisões – deve ter como foco a formação humana crítica do discente, capaz de relacionar informações técnicas com sua vivência e experiência pessoais. Do contrário, seriam formados replicadores de soluções prontas. Para tanto, a educação, que, como vimos, vai além do ensino, é ferramenta indispensável.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

São ações práticas que contribuem para aguçar a criatividade arrojando o aprendizado: promover debates sobre diversos autores/arquitetos/urbanistas, que podem ser sugeridos pelos estudantes ou indicados pelo docente; utilizar laboratórios, onde há envolvimento concreto e físico do discente com o fenômeno estudado; programar visitas de campo, viagens e apresentação de filmes, proporcionando a criação de um repertório particular. Em suma, são meios de promover a relação do “mundo real” com o conteúdo estudado para gerar novas abordagens.

A fim de educar para que se formem arquitetos e urbanistas competentes, assim como o profissional que projeta, o ensino de projeto deve valer-se igualmente da ferramenta da criatividade, do pensamento crítico e da autonomia.

7 AGRADECIMENTOS

Aos nossos sempre dedicados, carinhosos e atenciosos, professores da disciplina Didática Aplicada do PPGAU-UFF – Doutores Glauco Bienenstein, Jorge Baptista de Azevedo e Ronaldo de Moraes Brilhante – pelas lições e reflexões, pelo aprendizado e pelo amadurecimento proporcionados. Somos gratas por dedicarem-se a educar e a pensar a educação ampla, formadora de pessoas e iluminadora de caminhos.

8 REFERÊNCIAS

BARRETO, M. O. O papel da criatividade no ensino superior. *Revista Diálogos e Ciências*. Ano 5, n.12, dez. 2007. Disponível em: < http://dialogos.ftc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=30&Itemid=55 > acesso em março de 2015.

BRANDÃO, G. G. Um véu chamado paisagem. *Ensaio não publicado*. Rio de Janeiro, 2014.

_____. Existe educação técnica?. *Ensaio não publicado*. Rio de Janeiro, 2014.

CAMARGO, M. G. A importância da criatividade como fator de inovação para as corporações e o design. In: 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, São Paulo, 2014. *Anais do 11º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*. São Paulo: Blucher, 2014. Disponível em: < <http://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/a-importancia-da-criatividade-como-fator-de-inovao-para-as-corporaes-e-o-design-12764> > acesso em maio de 2015.

CARSALADE, F. L. Ensino de projeto de arquitetura: uma visão construtivista. *Dissertação de Mestrado*. Mestrado em Arquitetura pela UFMG. Belo Horizonte, 1997.

CARSALADE, F. L. Educação e Patrimônio Cultural. In: Grupo Gestor da Secretaria do Estado da Educação – MG (org). *Reflexões e Contribuições para a Educação Patrimonial*. Belo Horizonte: SEE/MG, 2002.

ELALI, G. A. Para Projetar (nossos) Elefantes: Considerações sobre a Conquista de Autonomia Projetual pelo Estudante de Arquitetura e Urbanismo. In: II Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura, Rio de Janeiro, 2005. *Anais da II PROJETAR 2005*. Rio de Janeiro: PROARQ/FAU-UFRJ, 2005.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

FERRARO, Silvana Weiermann e BAIBICH-FARIA, Tânia Maria. A didática do ateliê de arquitetura: Epistemologia da prática. *32ª Reunião Anual da ANPEd 2009*. Não paginado. Caxambu, 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/trabalho_gt_04.html> acesso em maio de 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. et al. Reflexão sobre metodologias de projeto arquitetônico. *Revista Ambiente Construído*, Porto Alegre, v. 6, n. 2, p. 07-19, abr./jun. 2006.

KOWALTOWSKI, D. C. C. K. et al. Ensino de projeto bioclimático: o papel dos problemas e restrições no processo criativo. In: IX Encontro Nacional e V Latino Americano de Conforto no Ambiente Construído, Ouro Preto, 2007. *Anais do IX ENCAC e V ELACAC*. Ouro Preto: 2007.

MIRANDA, J. T. Análise de Projetos como Ferramenta Didática no Ensino de Projeto. In: V Seminário Nacional sobre Ensino e Pesquisa em Projeto de Arquitetura, Belo Horizonte, 2011. *Anais da V PROJETER 2011*. Belo Horizonte: NPGAU/UFMG, 2011.

OLIVEIRA, Z. M. F. O elo entre a educação, o desenvolvimento sustentável e a criatividade. *Revista Iberoamericana de Educación / Revista Ibero-americana de Educação*. 10 p. Janeiro/2010. Disponível em: <<http://www.rioei.org/deloslectores/3022Freire.pdf>> acesso em maio de 2015.

SEAMON, D. 'A jumping, joyous urban jumble': Jane Jacobs's death and life of great american cities as a phenomenology of urban place. *The Journal of Space Syntax*, v.3, issue 1, p. 139-149. 2012. Disponível em: <<http://www.journalofspacesyntax.org/>>. Acesso em março de 2015.

SILVA, C. R. A conscientização da prática docente. *Ensaio não publicado*. Rio de Janeiro, 2014.

TUAN, Y. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

<http://www.7projetar2015.ct.ufrn.br/index.php/2014-10-22-12-49-30/tematica>. Acesso em março de 2015.

NOTAS ⁱ Retirado do site do VII Seminário PROJETER – 2015.

Disponível em: <http://www.7projetar2015.ct.ufrn.br/index.php/2014-10-22-12-49-30/tematica>